

---

# ORIGENS E DESTINOS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES PRELIMINARES

*Origins and Destinations of the The Person-Centered Approach in the Brazilian Contemporary Scenario: Introductory reflections*

*Orígenes y Destinaciones de lo Enfoque Centrado en la Persona en escenario brasileño contemporáneo: Reflexiones Preliminares*

ANA MARIA MONTE COELHO FROTA

---

**Resumo:** Este artigo trata de reflexões introdutórias acerca das origens e dos destinos que vêm se delineando para a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Para tanto, discute os paradigmas que sustentaram o surgimento da teoria rogeriana, a partir de um contexto histórico determinado pelo projeto modernista. Analisa o surgimento da Psicologia Humanista como a terceira força, contrapondo-a ao Behaviorismo e Psicanálise. A seguir, passeia sobre a teoria rogeriana, discutindo seus conceitos fundamentais, que atravessam pelas diferentes fases do trabalho de Rogers. Finalmente, faz um apanhado teórico das aproximações possíveis entre a ACP e alguns filósofos fenomenólogos, sendo escolhidos Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger, tal como têm sido trabalhados por alguns estudiosos brasileiros. O artigo procura clarificar as possibilidades de continuação da ACP a partir destes encontros, colocando o problema de se estar construindo algo tão novo, que não se possa colocar alinhado com a Abordagem Centrada na Pessoa.

**Palavras-chave:** Abordagem centrada na pessoa; Psicologia humanista; Fenomenologia.

**Abstract:** This article brings the introductory reflection on the origins and destinations that are being constructed for the Person Centered Approach (PCA) in the brazilian scenario. This paper discusses the paradigms that supported the emergence of the Rogerian theory from the historical context of the modernist project. It makes the analysis of the emergence of humanistic psychology as a third force as opposed to Behaviorism and Psychoanalysis. It presents Rogers' theory and its fundamental concepts in the different stages of the work of Rogers. Finally, it presents some possible approaches between the Person Centered Study and some phenomenological philosophers, been chosen Husserl, Merleau-Ponty and Heidegger, as they have been presented by some brazilian scholars. The work search to clarify the possibilities of continuing the Person Centered Approach by those relations, pointing to the direction of the construction of something so new that it cannot be aligned with the Person Centered Study.

**Keywords:** Person centered approach; Humanistic psychology; Phenomenology.

**Resumen:** En este artículo se trata de reflexiones introductorias sobre los orígenes y destinos que han sido delineados para el Enfoque Centrado persona (PCA). Los paradigmas de discusión que apoyaron el surgimiento de la teoría de Rogers, a partir de un contexto histórico determinado por el proyecto modernista. Analiza el surgimiento de la psicología humanista como una tercera fuerza, oponiéndose al conductismo y el psicoanálisis. A continuación, dar un paseo en la teoría de Rogers, discutir los conceptos fundamentales que atraviesan las diferentes fases de la obra de Rogers. Por último, se ofrece una visión general de las similitudes teóricas posibles entre los países ACP y algunos filósofos fenomenólogos, siendo elegido Husserl, Merleau-Ponty y Heidegger, como se ha trabajado por algunos estudiosos brasileños. El artículo trata de aclarar las posibilidades de continuación de ACP a partir de estas reuniones, poner el asunto a la construcción de algo tan nuevo, que no se pueden poner de acuerdo con el Enfoque Centrado en Persona.

**Palabras-clave:** Enfoque centrado en la persona; Psicología humanística; Fenomenología.

---

## 1. A Ciência Moderna e a Psicologia

Os paradigmas clássicos do método científico influenciam fortemente as idéias e práticas de uma época. Oferecem ao mundo uma certeza extremamente ansiada de progresso, respostas objetivas, ordem, liberdade e justiça social. Segundo Dahlberg, Moss e Pence (2003), o projeto sustentado e defendido pela modernidade, ber-

ço do surgimento da ciência clássica, compreende o ser humano totalmente realizado, maduro, independente, autônomo, livre e racional. Ressaltam que: "(...) o projeto da modernidade tinha objetivos ambiciosos: progresso, linear e contínuo; verdade, como a revelação de um mundo 'conhecível', emancipação e liberdade para o indivíduo – social, política e culturalmente" (p. 33).

Nesta direção, a busca da razão constitui-se no caminho da busca da essência humana e das verdades da natureza. Assim, o progresso e a tecnologia caminham de mãos dadas em direção à prometida felicidade. A partir destas reflexões torna-se muito clara a grande aceitação e difusão do projeto da ciência moderna, uma vez que trazia embutida no seu paradigma, uma promessa de desenvolvimento, ordem e progresso social.

Com a modernidade, incrementada que foi pela invenção da imprensa, pelas conquistas das grandes navegações, pela revolução industrial, pela transformação social e familiar, pelas mudanças do sistema econômico mundial, dentre outras, ofereceu-se ao mundo a promessa da produção de um saber construído a partir de uma metodologia objetiva, quantificável, infalível. Ora, esta promessa encheu os olhos e aqueceu o coração de todos aqueles que desejavam respostas para suas questões.

A sociedade sonhava com o dia em que pudesse resolver seus problemas mais urgentes como a cura de doenças, a produção de alimentos suficiente para todos, a busca de uma justiça social e, principalmente, a superação das crenças religiosas que, por muito tempo dominaram as mentes humanas, impedindo-as ou dificultando na produção de um saber que se sustentasse em si mesmo. A criação de um método científico foi extremamente bem-vindo na sociedade da época, sendo profundamente marcada pela filosofia de Descartes, pela metodologia científica de Bacon e pela teoria matemática de Newton (Feijoo, 2000).

A partir da análise de Feijoo (2000), para Descartes, o mundo material deveria ser estudado com absoluta objetividade, constituindo, a partir de então, a necessidade de neutralidade do pesquisador. Além disso, criou-se um método de busca de saber, ou seja, de produção de conhecimento, que seguisse uma metodologia objetiva, passível de ser repetida, testada e generalizada, crível e infalível. Como resultado, a ciência foi aceita como a única via de acesso a todo e qualquer conhecimento, passando a desvalorizar qualquer saber produzido por outros caminhos. A crença existente era a de que o método científico descrevia corretamente a realidade, sendo adotada como modelo pelos saberes que se pretendessem científicos.

Assim, a racionalidade deveria superar qualquer paixão na busca dos saberes científicos a partir dos paradigmas clássicos da ciência moderna. Além disso, perseguindo a herança newtoniana, o mundo deveria ser compreendido como um grande complexo, formado por partes contínuas que, somadas, resultariam numa totalidade. Para atingir uma compreensão e posterior domínio do todo, seria necessário desmembrá-lo em partes, cognoscíveis através de um método objetivo, seguido por cientistas neutros e racionais. Tal busca seria possível uma vez que as leis do universo seguiriam uma causalidade mecanicista, e seriam regidas por uma temporalidade linear – com presente, passado e futuro bem marcados

– autônoma e independente do observador; assim como por um espaço constante e em repouso. Uma figura metafórica seria “a imagem do universo (...) comparada a um grande relógio gigantesco, inteiramente determinístico” (Feijoo, 2000, p. 19).

A busca de verdades pela ciência moderna é marcada pelo estatuto de cientificidade, sendo garantida pela construção de conceitos logicamente parametrados e pela ausência de intimidade entre homens e mundo. O modo técnico pelo qual o homem moderno habita o mundo tem estreita relação, denuncia Critelli (1996), com sua necessidade de superar a insegurança do seu ser ou, senão, esconder esta condição. Porém, não é porque os homens criaram métodos, técnicas e processos que nos permitem controlar alguns fenômenos e criar outros, que se alterou a condição ontológica de inospitalidade no mundo e de liberdade humana.

O modelo de pensamento e produção de conhecimentos da ciência moderna marcou profundamente a sociedade ocidental desde o século XVIII até meados do século XX. A partir daí, o projeto da modernidade vem sofrendo grandes abalos na sua tão propagada pretensão da busca de verdades universais. Aos poucos, a humanidade foi se dando conta de que a ciência moderna não seria capaz de compreender e acomodar a diversidade e a complexidade da experiência humana concreta. Na verdade, “o projeto da modernidade de controle através do conhecimento, a avidez por certeza, implodiu” (Dahlberg et al., 2003, p. 36).

Chamou-se de *saber pós-moderno* aquele estado da cultura construído após as transformações que afetaram as regras do jogo da ciência, da literatura e das artes a partir do século XIX (Lyotard, 1989). Seu saber não se propunha ser um instrumentalizador de poderes. Ele refina a sensibilidade para o diferente e para suportar o incomensurável. Sob uma perspectiva pós-moderna, não existe conhecimento absoluto, realidade cristalizada esperando pra ser conhecida e domada; um ensinamento universal, que se faça fora da história ou da sociedade (Frota, 2007). No lugar disso, seu projeto propõe que o mundo e o conhecimento sejam vistos como socialmente construídos. Isso significa pensar que todos nós estamos engajados na construção de significados, em vez de engajados na descoberta de verdades. Torna-se possível afirmar, deste modo, que não existe somente uma realidade, mas várias. O conhecimento não é único, e sim múltiplo, variável, fragmentado e mutável, inscrito nas relações de poder, que determinam o que deve ser considerado como verdade e falsidade (Lipovetsky, 2004; Goergen, 2005). A verdade é compreendida como uma correspondência da verdade, uma representação falseada, mas que, como tal deve ser tomada.

Na origem das psicologias existe uma tendência a atuar como se os saberes psicológicos fossem “grandes narrativas”, e, como tal, representassem o modelo essencialista da natureza humana. As grandes teorias psicológicas,

encarnadas por seus seguidores, assumem seus saberes como se eles fossem “os verdadeiros” e representassem “o modelo correto” da realidade. Contudo como alertam Dahlberg et al. (2003), “*em vez de serem vistas como representações socialmente construídas de uma realidade complexa, uma maneira selecionada de como descrever o mundo, essas teorias parecem se tornar o próprio território*” (p. 54). O risco daí advindo é esquecermos a contextualização histórica do saber ou, ainda, perdermos de vista a subjetividade concreta do humano. Perderíamos de vista o homem, ficando dele somente sua re-presentação, falseada, que é, via teoria. Além deste risco, não podemos esquecer que as grandes narrativas contam as histórias dos saberes como se fossem únicos e universais, já repudiadas pelo estatuto pós-modernista, por representarem perspectivas teóricas descoladas da realidade e empecilhos para a compreensão dos sujeitos reais em situações históricas concretas.

Vivendo numa condição pós-moderna, o conhecimento e os diversos saberes solicitam que abandonemos as grandes narrativas teóricas e nos contentemos com objetivos locais e mais práticos. Para Heywood (2004), isso significa abandonar as esperanças mais profundas do pensamento iluminista: que o que está para ser descoberto seria, de fato, um mundo ordeiro e sistemático, idêntico para cada um de nós, sendo possível estabelecer um acordo universal com a natureza. O que fica, então, é a busca de conhecer verdades, multiplicidades de narrativas, saberes construídos na e pela realidade social concreta.

A partir destas reflexões, pensemos no que isso interfere nos nossos pensares e fazeres psicológicos, para nos achegarmos na nossa questão maior: origens e destinos da Abordagem Centrada na Pessoa, no cenário do Brasil.

Também para a Psicologia foi importante o método científico, como possibilidade de se fazer aceita e receber o estatuto de ciência, como afirma Capra (1983). Deste modo, a adaptação do objeto de estudo da psicologia, o psiquismo humano, aos princípios da mecânica clássica de Newton fez-se no sentido de busca de cientificidade. É assim que a Psicanálise de Freud e o Behaviorismo de Skinner se enquadram no mecanicismo da ciência positivista.

Capra (1983) tem razão ao dizer que a primeira tópica de Freud seguia um modelo mecanicista. Como o próprio Freud afirma no seu *Projeto de uma psicologia científica*, sua intenção era representar os processos psíquicos como estados, quantitativamente determinados. Deste modo, pelo menos de princípio, é lícito afirmar que Freud parece respeitar e seguir os princípios apregoados pela ciência moderna, os quais, certamente, lhe garantiriam respeitabilidade e divulgação. Coelho Jr. (1995) também aponta a origem mecanicista dos trabalhos de Freud, frisando o contexto histórico deste início. Deixa clara a evolução histórica da metapsicologia e da psica-

nálise, e seu distanciamento, cada vez mais nítido, da herança cientificista.

Também o behaviorismo skinneriano segue o modelo científico. Aliás, para Skinner, seu objeto de estudo era o comportamento, aquele que poderia ser observado e quantificado. A mente existia somente enquanto expressa pelo comportamento. Na verdade, o behaviorismo de Skinner se adequa completamente ao método experimental: a relação causa-efeito é inquestionável, as causas dos fenômenos psíquicos encontram-se no mundo externo, o tempo é linear, a força é sempre externa (Skinner, 1985). Para os behavioristas, a objetividade é imprescindível e deve ser garantida pelo controle das condições que regem as relações sujeito-objeto. Por sua vez, as técnicas comportamentais clássicas “possuem um status físico para o qual as técnicas usuais da ciência são adequadas e permitem uma explicação dos comportamentos nos moldes da de outros objetos explicados pelas respectivas ciências” (Skinner, 1985, p. 42).

A Psicanálise e o Behaviorismo formaram as duas primeiras forças dentro da psicologia. A terceira força – a Psicologia Humanista – surgiu como reação ao panorama da psicologia norte-americana, dominado pela leitura mecanicista e determinística dominantes (Boainain Jr, 1998). Maslow (2007) foi um dos principais responsáveis pela criação da Psicologia Humanista, que pretendia, de início, unir tendências que se opusessem ao behaviorismo e psicanálise.

Deste modo, ao contrário do Behaviorismo e da Psicanálise, a Psicologia Humanista não se identificou com o pensamento de determinado autor ou escola, especificamente. Consistia, na verdade, de um discurso congregado de diversas tendências, unidas especialmente pela oposição às abordagens citadas, assim como pela convergência em torno de algumas propostas comuns, tais como um compromisso inalienável com uma visão de homem orientada para a saúde e desenvolvimento pessoal.

A partir daí, torna-se clara a negação da perspectiva pessimista e psicopatologizante da metapsicologia freudiana. Além disso, a terceira força assume a perspectiva holística e organísmica do ser humano e adota uma visão fenomenológica e existencial para a compreensão do homem.

Assim, a volta ao humano como objeto de estudo é uma das bandeiras do movimento, importante a ponto de fornecer-lhe o título designativo. Qualidades, e capacidades humanas por excelência, tais como valores, criatividade, sentimentos, identidade, vontade, coragem, liberdade, responsabilidade, auto-realização, etc., fornecem temas de estudo típicos das abordagens humanistas (Boainain Jr, 1998, p. 31).

A Psicologia Humanista defende uma visão globalizante do ser humano, enfatizando a vivência das emo-

ções, a subjetividade, a intuição e as potencialidades. Provavelmente como resultado da exacerbação do sentimento, da vivência e da experiencição, adotadas como métodos de trabalho, ela foi duramente acusada de irresponsável, de teoricamente vazia (Fonseca, 1998, 2011; Moreira, 2009b). Segundo Fonseca (1998), tais críticas acabaram sendo positivas, uma vez que geraram estudos dentro do movimento humanista brasileiro, buscando esclarecer e fortalecer sua fundamentação, assim como possíveis distorções.

O movimento humanista teve forte influência das filosofias existenciais e da fenomenologia. Assim, *“assume e propõe a inevitabilidade da adoção de um modelo de homem, ou seja, uma concepção filosófica da natureza humana, como ponto de partida e princípio norteador de qualquer projeto de construção de psicologia”* (Boainain Jr, 1998, p. 31). Além disso, prioriza o fenômeno, em detrimento das técnicas e teorias, centrando-se na *“relação fenomenativa existencial atual entre seus agentes”* (Fonseca, 1998, p. 12).

A prática humanista parece ter sido desvirtuada pelo *laissez faire*, pelo fetiche da vivência pura, caindo em descrédito na academia. Embora não concorde de todo com a crítica que Figueiredo (1991) faz à Psicologia Humanista, assim como a generalização que faz da prática dos psicoterapeutas de base humanista, ele tem razão ao inserir a psicologia humanista na matriz vitalista e naturista. Sua crítica dirige-se à ausência de um construto teórico epistemológico, contrabalançando razão e sentimento. Como resposta a esta falta, muitos profissionais com formação humanista (Amatuzzi, 1989; Moreira, 1990, 2007, 2009a, 2009b; Advíncula, 1991; Holanda, 1998; Messias & Cury, 2006; Dutra, 2008) iniciaram um período muito fértil de produção teórica, capaz de dar suporte à prática psicoterápica, através de pesquisas com base fenomenológica e existencial.

Tentando nos aproximar dos sentidos das psicologias humanistas/fenomenológicas-existenciais, passaremos a discutir a Abordagem Centrada na Pessoa, uma das abordagens psicológicas que teve seu berço nas origens humanistas.

## 2. Abordagem Centrada na Pessoa: Da Noção de Homem Planetário à de Homem Mundano – De Rogers a seus Discípulos Contemporâneos

A obra de um autor tem muito das influências que ele sofre durante sua formação pessoal e profissional. Rogers teve grande influência de uma tendência biológica de saber, justificando um pouco o que ele chama de tendência formativa. Acaba, por esta vertente, enfatizando mais a natureza do que a cultura e a história do homem. Já a influência religiosa, que recebeu de sua família protestante, pode ser percebida na crença otimista da natureza humana, que sempre acompanhou seu tra-

balho. Além da Teologia, também se dedicou ao estudo da Psicologia, fazendo atendimento clínico e orientação psicopedagógica.

Para Rogers e Kinget (1977), existe no homem uma tendência atualizante, que o concebe como naturalmente livre e bom, sendo essencialmente dotado de uma capacidade para desenvolver-se positivamente. Assim, para Rogers, são as condições externas desfavoráveis que corrompem e adoecem o homem. Por ser o que existe de mais importante na sua teoria e prática psicoterápica, pressupõe, fundamentalmente, um respeito maior ao ser humano, por concebê-lo como um *“organismo digno de confiança”* (Rogers, 1976, p. 16). Afirma ainda Rogers e Kinget (1977, p. 52):

Quando a tendência atualizante pode se exercer sob condições favoráveis, isto é, sem entraves psicológicos graves, o indivíduo se desenvolverá no sentido da maturidade. Sua percepção de si mesmo e de seu ambiente, e o comportamento que se articula de acordo com estas percepções, se modificarão constantemente num sentido de uma diferenciação e de uma autonomia crescentes, típicas do progresso em direção à idade adulta. A personalidade representará, portanto, a atualização máxima das potencialidades do organismo.

A compreensão empática, congruência e consideração positiva incondicional também são princípios fundantes da ACP, assim como a tendência atualizante. A capacidade de o psicoterapeuta colocar-se no lugar do outro, sem deixar de ser quem é, facilita o encontro entre pessoas. Já a congruência, ela significa a capacidade do psicoterapeuta ser autêntico em relação a seus sentimentos, referindo-se à pessoa que busca ajuda. Ser congruente, é ser genuíno, é ser fluido. *“Quando somos congruentes conosco mesmo, nossas necessidades, nossos desejos e nosso curso de ação são uma coisa só”*, afirma Bowen (1987, p. 65). Finalmente, a consideração positiva incondicional, é caracterizada como a capacidade de aceitar o outro como ele é, não significando concordar com ele. Deste modo, *“quando o terapeuta estima o cliente, de uma maneira total, em vez de uma maneira condicional, então o movimento para a frente pode ocorrer”* (Rogers, 1987, p. 68).

A influência do contexto sócio-cultural para a origem da teoria rogeriana é claramente descrita por Fonseca (1983):

A Abordagem Centrada na Pessoa surgiu e cresceu no seio daqueles para cujas mesas, carros e casas vai muito do que é expropriado do corpo e do ser, da casa e dos pratos daqueles em cujo seio nasceu a Pedagogia do Oprimido (p. 46).

A teoria de Rogers constrói-se a partir de uma dimensão individual da pessoa, deixando-se perceber

através da noção de “*desenvolvimento do eu*” (Rogers, 1961), enfatizando a polaridade individual em detrimento da social. Também em seu livro *Um Jeito de Ser*, Rogers (1983) enfatiza a dimensão individual e subjetiva da pessoa. Para Rogers (1961) a natureza humana é moralmente positiva. Segue acreditando que a pessoa plena seria aquela que conseguisse se deixar guiar pelo organismo, já que ele é mais sábio que a razão. Valoriza a influência social, enxergando, no entanto, uma oposição entre indivíduo–sociedade, interior–exterior, objetividade–subjetividade, deixando claro seu limite epistemológico de compreender a indissociabilidade entre os pólos. Resumidamente, podemos afirmar que a noção de *pessoa* rogeriana pressupõe uma pessoa centrada, autônoma, livre, individualizada.

O trabalho de Rogers vem sendo dividido em fases, a partir de características centrais, criando vertentes também distintas. Assim, múltiplas teorizações contemporâneas vêm sendo tecidas e novos caminhos sendo trilhados (Boris, 1987; Boainain Jr. 1998; Belém, 2004; Moreira, 2010). Deste modo, a partir do delineamento de seus pressupostos, Rogers divulgou uma terapia que tinha a pessoa como centro do processo terapêutico, caracterizando sua primeira fase de trabalho, *a fase não diretiva* (1940-1950). Desde sempre enfatizou o respeito pelo outro, a importância da relação com o cliente para além de sua sintomatologia, a expressão emocional através, não somente do conteúdo verbal, mas do próprio corpo. O terapeuta deveria buscar uma relação genuína, empática, isenta de interpretações e julgamentos e, principalmente, adotando uma postura de consideração positiva incondicional dirigida ao cliente. A fase seguinte, *reflexiva* (1950-1957), ainda se centrava no cliente, colocando como única possibilidade expressiva do terapeuta, respostas de apoio e compreensão ao que fosse apresentado.

Com o tempo, a postura do terapeuta rogeriano deixa de enfatizar a pessoa, como centro da relação, estabelecendo um campo interativo entre a dupla. Esta postura caracteriza a posição *experencial* da terapia rogeriana (1957-1970). Nesta nova postura, terapeuta e cliente fazem parte do processo. Como afirma Boainain Jr (1998): “*Este novo centrar-se, focalizando a experiência do terapeuta, alternativo à anterior unilateralidade do centrar-se no cliente, descortinou toda uma ampla gama de possibilidades expressivas para o terapeuta e veio tornar a terapia rogeriana muito mais bicentrada*” (p. 85). Finalmente, na quarta fase da terapia rogeriana, o movimento dos grandes grupos, fase *coletiva* (1970-1985), revelou um Rogers profundamente envolvido na formação de novos terapeutas e enriquecendo a prática da abordagem humanista.

Para Carrenho, Tassinari e Pinto (2010), o percurso da ACP no Brasil passou por fases: *Pré-história* (1945-1976), caracterizada pela pouca presença de trabalhos nesta abordagem; *Fertilização* (1977-1986), marcada pela presença de Rogers e sua equipe no Brasil, assim como a formação de profissionais, tais como Rachel Rosenberg,

que se dedicaram a promover eventos de treinamento profissional e workshops; *Declínio* (1978-1989), atravessado pelo luto trazido pela morte de Rogers e Rosenberg; *Renascimento* (90 até hoje), trazendo consigo um aumento significativo de profissionais que têm contribuído criativamente para a construção da ACP.

Conforme estudos de Carrenho et al. (2010), é visível um movimento de expansão da ACP no Brasil. Cada um desses movimentos traz uma sustentação filosófica que caminha ao lado dos princípios básicos rogerianos. Porém, alguns estudos trazem também contribuições que, ao invés de caminharem bem ao lado da teoria da abordagem centrada na pessoa, introduzem novas teorias e metodologias de prática psicoterápica e de pesquisa clínica. Encontramos seguidores de Rogers que têm ampliado sua perspectiva, criando uma nova metodologia de trabalho e pesquisa a partir de Husserl, Merleau Ponty e Heidegger, dentre outros. Nossas reflexões conduzem-nos, então, a pensar o limite existente entre uma aliança da ACP e esses filósofos referidos e uma necessária ruptura entre ambos, por um distanciamento de paradigmas.

Sabemos que Rogers leu Kiekegaard, adotando dele sua crença na experiência pessoal. De Buber, adotou a filosofia do diálogo. Porém, de acordo com a história da psicologia rogeriana – contada por autores contemporâneos brasileiros, como Belém (2000), Cury (1987), Fonseca (1998), Moreira (1990, 1997, 2009a, 2009b) –, não se pode afirmar que o pensamento de Rogers tenha sido fenomenológico. Rogers sempre valorizou a relação cliente-terapeuta, contudo sua visão de homem era a de um homem individual. Moreira (2009b) é clara ao afirmar:

Parece possível buscar afinidades entre as bases filosóficas fenomenológicas e/ou existenciais e o pensamento rogeriano como é desenvolvido na atualidade, mas não devemos nos iludir de que tais filósofos tenham influenciado a teoria rogeriana original. Afirmar que a fenomenologia influenciou a Abordagem Centrada na Pessoa (...) é um engano. No entanto, é possível considerar que as fenomenologias existenciais passaram a ter um papel fundamental em muitas das vertentes atuais da Abordagem Centrada na Pessoa (p. 10).

Aqui começa um novo capítulo nos estudos e derivações da ACP: os movimentos dos seus discípulos nas suas aproximações com a fenomenologia. Mas não existe somente uma fenomenologia, ela também é múltipla.

### 3. A Abordagem Centrada na Pessoa Marca Encontro com a Fenomenologia – um Processo em Processo

A Fenomenologia surgiu no final do século XIX, rompendo com o modelo cartesiano e a perspectiva metafísica, que afirmava a existência de uma verdade universal,

pura e imutável, possível de ser alcançada pelo homem através da razão. Segundo Frota (1997), a fenomenologia aponta a “*impossibilidade de se produzir um conhecimento científico universal, uma vez que a universalidade se reduz a generalidades abstratas e a necessidade à frequência e repetição dos eventos observados*” (p. 28).

A Fenomenologia surge em oposição ao Positivismo, em que o conhecimento é considerado válido apenas quando os conceitos são construídos a partir de parâmetros lógicos e com a garantia de privação da intimidade entre os homens e o mundo. A Fenomenologia acredita que o conhecimento é possibilitado, exatamente, por meio da aceitação desta intimidade e envolvimento entre homem e mundo. Pensar, para a Fenomenologia, significa indagar, questionar, tentar compreender. Algo processual, parcial, relativo. Muito diferente do conhecer metafísico, que pretende “dominar” o conteúdo de uma matéria ou disciplina.

Para a metafísica, há a distinção entre o ser das coisas e a aparência destas. Sendo a aparência, para tal corrente, falaciosa, como se escondesse a verdadeira essência dos fenômenos. Já para a Fenomenologia, o que se mostra, ou seja, a aparência é o próprio fenômeno sujeito à produção de sentidos dados pelo telespectador. Na sua aparição, o fenômeno mostra-se carregado de todos os sentidos a ele atribuído, que se interliga à história, cultura, sociedade, da qual faz parte. Em resumo, Fenomenologia refere-se ao estudo do fenômeno. Fenômeno, por sua vez, segundo Karwowski (2005), pode ser entendido no seu sentido estrito, como aparecer, ou aquilo que se mostra por si mesmo, partindo do grego *phainestai*. Deste modo, não existe um fenômeno puro, visto que a forma como o apreendo está diretamente ligado aos meus valores, à minha história, o que colabora com a negação da neutralidade.

Segundo Critelli (1996), o pensar fenomenológico não é privilégio somente dos filósofos. A partir dos anos 50 do século passado, houve um grande desenvolvimento do enfoque fenomenológico para a Psicologia. O método fenomenológico passou a fazer parte do campo da Psicologia tendo como objetivo capturar o sentido ou mesmo o significado da vivência da pessoa, tal qual experimentadas na sua existência concreta. Contrária à idéia de verdade como *veritas*, a fenomenologia existencial busca conhecer a verdade como *aletheia*, como desvelamento. Desse modo, acredita que a verdade é sempre precária, incompleta, parcial. Seu método também não é o mesmo da ciência positivista, constituindo-se num interrogar-se constante. Na verdade, a fenomenologia surge como um contraponto à ciência mecanicista, acenando para um novo modo de se produzir conhecimento e, principalmente, de ver o mundo.

Esta perspectiva surge rompendo com o modelo de ciência cartesiana e metafísica, que afirmava, conforme já dissemos, que a verdade é universal e imutável, que o conhecimento científico poderia ser apreendido sem fa-

lhas através de um método racional e objetivo. O método fenomenológico vai buscar o sentido do ser do modo como este se dá. Deste modo, abandonando-se o método positivista, assim como a noção de causalidade, adota-se o método fenomenológico, que tem como objetivo alcançar o fenômeno em sua totalidade, tentando compreendê-lo a partir de um olhar específico.

Porém, ao se falar de um método fenomenológico de compreensão de um fenômeno, vemos que não existe uma única forma de se investigar. Como afirma Holanda (2001):

Não podemos falar simplesmente de pesquisa fenomenológica como se esta fosse um conjunto único de modos de ação. Há de se destacar que existem tantas diferenças em termos de ação metodológica na fenomenologia quantas compreensões existem da própria fenomenologia (p. 42).

Para Fonseca (2011), existiu no Brasil, e em toda a América Latina, um grande movimento de reconstrução da ACP após a morte de Rogers, provavelmente facilitado pela ocorrência dos grandes fóruns de debates e encontros Latinos e Brasileiros. Nestes encontros firmou-se uma crítica vigorosa à concepção de pessoa “planetária”, evidenciando a indissociabilidade indivíduo-mundo. Afirma: “*assumir esta concepção de pessoa na América Latina é alienar das possibilidades da abordagem amplos segmentos da população, e colaborar com o processo de sua aniquilação já a um nível conceitual*” (Fonseca, 2011, p. 15). Tal crítica tem proporcionado estudos e pesquisas que tentam uma aproximação da ACP com as fenomenologias, por acreditarem que tanto enquanto epistemologia, método e filosofia, ela pode potencializar uma psicologia que integre o homem ao seu mundo.

No Brasil, o movimento de discípulos de Rogers que constroem uma interlocução teórica entre os fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa e as Fenomenologias tem se revelado um terreno fértil e produtivo. Neste percurso, alguns se aliam a Husserl e sua ontologia transcendental (Holanda, 2001, 2009; Amatuzzi, 2009, 2010); enquanto outros caminham ao lado de Heidegger, tentando uma hermêutica ontológica (Frota, 1997; Feijoo, 2000; Barreto & Morato, 2009); outros ainda buscam Merleau-Ponty, e a possibilidade de uma fenomenologia encarnada (Moreira, 2007, 2009a). Vejamos alguns destes percursos, ainda em construção, numa visada superficial e panorâmica.

Amatuzzi (2010) compreende que o percurso que Husserl faz, ao aprofundar a redução no contexto da filosofia, foi semelhante ao de Rogers, no contexto da psicoterapia. Para ele, Husserl parte de uma colocação entre parênteses da realidade do mundo e de uma concentração no próprio ato de conhecimento. Enquanto isso, Rogers fala de deixar de lado tanto as teorias da pessoa que fala, quanto às do próprio sujeito. Assim, caminha

em direção ao puro vivido. Nesta perspectiva, assumida por AmatuZZi (2010),

Rogers e Husserl se aproximam muito: eles usam o mesmo método da redução, embora com finalidades diferentes. Um para clarear o problema do conhecimento e outro para abrir caminho para a experiência vivida numa relação facilitadora de crescimento. Husserl chega na necessidade de um eu transcendental, e Rogers formula as reduções necessárias para um contato humano profundo e criativo. Husserl acredita que a redução desvenda uma face do humano que tinha ficado escondida (o eu como sujeito) e cria a necessidade de um novo conceito (o eu transcendental, que é afinal o eu sujeito). Rogers, um americano pragmático, acredita que essa triplíce redução é que abre o caminho para os dinamismos da pessoa em pleno funcionamento e é isso que lhe interessa (p. 9).

Além disso, para AmatuZZi (2009), a atitude empática de Rogers leva a entrar em contato não somente com o sentimento puro, mas com seu significado, captando o movimento intencional da experiência, que, nesta perspectiva, seria muito mais verdadeiro.

Defendendo a perspectiva de que “*toda Psicologia é e deve ser fenomenológica*”, Holanda (2009, p. 1) afirma que para Husserl o fenômeno subjetivo é, antes de qualquer outra coisa, um fenômeno intersubjetivo, o que significa afirmar que o mundo não existe sem meu olhar. Assim, não existe um mundo a ser visto e sim um intermundo. Evidencia-se aqui o conceito de mundo vivido: mundo que nos é dado antes de elaborarmos conceitos sobre ele. Deste modo,

Não se trata da natureza enquanto realidade objetiva (estudada pela ciência positivista), mas do mundo que se dá na relação, que se mostra como fenômeno primeiro e que pode ser depois elaborado no pensamento. Conhecer este mundo é, então, conhecer nosso estar nele, conhecer nossas relações (AmatuZZi, 2009, p. 5).

Contudo, apesar da compreensão de que a Psicologia não pode deixar de ver o fenômeno como uma fusão de mundos, Rogers não parece ter se dedicado a esta premissa, é o que denunciam alguns seguidores da ACP. Senão como compreender as críticas que se seguem?

A partir da perspectiva de Moreira (2007) o objetivo maior da proposta rogeriana é dar importância à pessoa, referindo-se a qualquer pessoa. Como consequência, perde de vista a estrutura social que constitui o indivíduo. Na verdade, parece que Rogers segue

(...) falando de um homem subjetivo, que não se insere na realidade concreta, objetiva. Fala de um *homem planetário*, um homem do planeta Terra, ignorando todas as diferenças existentes entre homens que vivem

em contextos tão diversos e ignorando a realidade concreta em função de uma visão subjetiva (Moreira, 2007 p. 57).

Para a autora, Rogers não consegue ultrapassar o individualismo, centrando-se no homem abstrato, descontextualizado sócio-historicamente, o que dificulta a emergência dos diferentes sentidos dos fenômenos. Moreira (1990) afirma, que no primeiro momento do trabalho de Rogers, não existia nem mesmo a tentativa da busca de articulações de sentidos emergentes na relação terapeuta-cliente, uma vez que o cliente era mantido como centro. O mesmo acontecia na fase reflexiva, já que as interferências do terapeuta costumavam se dar a partir do que era trazido pelo cliente e pelo que surgia na relação terapeuta-cliente. As fases posteriores iniciam a exploração dos mundos fenomenais da dupla terapêutica, viabilizando uma fenomenologia da relação intersubjetiva e não mais somente do cliente. Porém, ainda se mantém numa concepção de “centrado na pessoa”, mesmo que seja bi-centrado, como afirma Cury (1987). Isso acaba por inviabilizar o processo terapêutico experienciado como inter-subjetivo, uma vez que continua existindo amarras de uma concepção centrada na pessoa.

Para Moreira (2009a), é a crítica à visão antropocêntrica de homem que se constitui no principal fundamento epistemológico da psicologia humanista-fenomenológica, no qual ela vem trabalhando. O postulado que Rogers tinha da pessoa humana, considerando-a como centro, com um externo e um interno, como uma dicotomia entre subjetivo e objetivo, impede que ele tenha uma prática efetivamente fenomenológica. Assim: “*Rogers desenvolveu uma teoria da psicoterapia centrada na pessoa e não uma teoria psicoterapêutica fenomenológica mundana*” (Moreira, 2009a, p. 38). Como consequência, Moreira vem desenvolvendo um trabalho de assimilação psicológica da teoria filosófica, ou seja, da fenomenologia de Merleau-Ponty, adotando-a como suporte para a construção de uma psicoterapia humanista fenomenológica.

Husserl foi duramente criticado por ser considerado idealista, buscando uma filosofia transcendental, acreditando que nada mais existe que o pensamento, e que a realidade estaria nele. A crítica à intencionalidade e à redução fenomenológica também foi grande (Critelli, 1996; Frota, 1997). Contudo, Merleau-Ponty não aceitou estas críticas a seu mestre, assegura AmatuZZi (2010). Para ele, Husserl não era um idealista, pois o mundo já está dado como pressuposto do próprio pensamento. Afirma:

Se nos instalarmos no interior do pensamento e tentarmos deduzir daí o mundo como realidade externa, jamais o conseguiremos. Se nos fecharmos no pensamento, nada nos fará sair dele. Só há um meio: compreender que o mundo já está dado como um pressuposto, algo que podemos ver no próprio pensamento, ou na consciência, desde que tenhamos

uma atitude fenomenológica. É a intencionalidade que nos restitui o mundo. Através dela percebemos que ele sempre esteve lá (Amatuzzi, 2010, p. 6).

Para os profissionais que tentam um caminho merleau-pontyano, a proposta da visão de homem antropocêntrica de Rogers é substituída pela visão de homem mundano, criando condições de se construir uma psicoterapia humanista fenomenológica. Deste modo, partindo de um novo fundamento epistemológico e filosófico, a fenomenologia antropológica de Merleau-Ponty apresenta a noção de homem como encarnado no mundo, um homem enquanto um ser-no-mundo, um fenômeno em constante interação com o mundo.

Resta-nos indagar, até que ponto não se vem criando algo novo, tão novo, que rompe com a abordagem centrada, por caminhar por paradigmas outros que Rogers se apoiou na construção de sua teoria? Será possível ainda falarmos de uma aproximação com a ACP, ou falamos de uma construção que trilha outras veredas *des-encontradas* das de Rogers?

Já na perspectiva da fenomenologia heideggeriana, da fenomenologia ontológica de Heidegger como método e base epistemológica para fazer uma articulação com a psicoterapia, temos que a noção que se oferece como base para a prática psicoterápica é a noção de homem como *dasein*, como ser-aí. Nesta perspectiva, o que importa é o ontológico e não o ôntico, embora saibamos que somente pela via do ôntico chegamos ao ontológico. Para saber do ser do homem é necessário voltar-se a uma reflexão ontológica, perguntar pelo ser do ente. Neste caminho, o método hermenêutico é a via por meio da qual se pode acessar ao sentido do existir em uma existência particular, única, e, ao mesmo tempo, tão imprópria.

Para Heidegger, o homem é um ser de cuidado e perguntar pelo ser, remete ao ente e seu modo de cuidar de si. Como o ser não se mostra como é, e sim como representação ôntica, deve-se partir do que se mostra para chegar ao que se é. Ou seja, do impróprio para o próprio, do inautêntico para o autêntico.

O método hermenêutico é o modo de acesso à compreensão do ser, via fala. Para Heidegger, os seres humanos falam enquanto escutam e a escuta já é uma fala. Assim, a fala é a casa do homem. Diz também que uma visita de casa em casa é quase impossível. É no quase que transitamos, na psicoterapia, para compreender o ser, já que abre uma possibilidade de diálogo, de visita à casa do outro. Visito a casa do outro a partir da minha casa (Feijoo, 2000).

Heidegger e sua perspectiva de fenomenologia sugerem uma possibilidade de pensar a questão do ser. Está completamente entranhada na sua filosofia ontológica. O homem, *dasein*, é um ser lançado no mundo, cuja presença é a abertura de possibilidades completa e total de existência. É um ser incompleto, somente se completando com a morte. Assim, quando o *Dasein* é, não é mais.

A angústia e o temor são os modos de abertura do ser. Do mesmo modo, a propriedade e a impropriedade também são características constitutivas do ente, que tem seu ser em jogo. No modo próprio, o ser flui mais facilmente, relacionando-se melhor com o ente. No impróprio, o ente vive convenções, falatórios, regras sociais.

Enfim, a fenomenologia ontológica de Heidegger abre uma possibilidade de, através da hermenêutica, chegar a um sentido do ser.

Neste aspecto, cabe ao psicoterapeuta reconhecer a inautenticidade, a impessoalidade e o esquecimento das possibilidades do cliente, como também seu poder ser mais próprio e pessoal na revelação de suas experiências para que, então, possa atuar como tal no espaço psicoterapêutico do outro (Feijoo, 2000, p. 16).

Feijoo (2000) analisa a possibilidade de se fazer uma clínica fenomenológico-existencial partindo de Heidegger e de sua hermenêutica. Porém, não faz nenhuma aproximação com Rogers e a ACP. Para Lessa (2009), a clínica existencialista, inspirada nas idéias de Heidegger, tem características bem específicas:

(...) problematiza a vida enquanto processo de experimentação e não como uma representação daquilo que foi experimentado. Nosso objetivo principal é pensar o modo como o clínico lida com as diferentes concepções do ato de pensar que atravessam o plano da clínica existencial, visando dar visibilidade tanto a sua concepção teórica quanto ao exercício efetivo de sua prática. Especificamente pretendemos identificar em que a clínica existencial se diferencia da clínica que se restringe à representação, destacando, assim, os elementos que propriamente constituem o modo existencial de pensar a clínica (p. 15).

Barreto e Morato (2009) são categóricas ao negar a possibilidade da ACP se constituir numa abordagem fenomenológico-existencial. Afirmam: “*a abordagem fenomenológica existencial, tão acriteriosamente confundida com a Psicologia Humanista, com a Abordagem Centrada na Pessoa e a Gestalt-Terapia (...)*” (p. 41-42). Nesta perspectiva, os saberes e práticas baseadas na compreensão do sujeito separado do mundo, o sujeito em si, não dá conta de compreender o homem, *Dasein* e, muito menos, de “*proporcionar ao sujeito a compreensão do seu modo de ser no mundo, abrindo-lhe possibilidades para novas formas de existir, e devolver-lhe a capacidade de dispor das possibilidades próprias e mais autênticas*” (p. 45), que seria o objetivo da psicoterapia fenomenológica existencial.

A partir de uma visada crítica, Barreto (2006) acredita que Rogers desenvolveu a “*teoria da Terapia Centrada no Cliente, na qual manteve a idéia de desenvolvimento autocentrado, hipervalorizando a pessoa-indivíduo e as-*



sumindo a perspectiva do humanismo romântico presente no pensamento moderno” (p. 117). Acredita que Rogers concebe sua teoria numa “*estrita ideologia individualista, centrada na possibilidade inesgotável do potencial humano que se realiza a si mesmo, transformando o resto do mundo em meros intermediários, os quais funcionam como forças facilitadoras ou dificultadoras*” (p. 117). A autora desacredita que a Abordagem Centrada na Pessoa, tal como postulou Rogers, reconheça a possibilidade do acontecer humano em um mundo adverso, uma vez que assume a intenção de expurgar a dimensão do trágico da existência humana. Desse modo, afirma, “*Rogers não estaria apontando para possibilidades de compreender a existência humana como ser-no-mundo-com-outros, porque ainda se baseava em uma compreensão de ação clínica fundamentada na liberação da força vital de auto-realização do indivíduo*” (p. 123). Assim, parece claro que declara uma cisão entre a ACP e a Hermenêutica heideggeriana.

Para uma aproximação de uma clínica fenomenológica existencial, na compreensão de Barreto e Morato (2009), a ação deve ser

(...) repensada como um espaço aberto, condição de possibilidade para a emergência de uma transformação não produzida, mas emergente em forma de reflexão, aqui compreendida como quebra do estabelecido e condição necessária para um novo olhar poder emergir. Esse novo olhar, ao desalojar o homem da sua habitual relação com o mundo e a consciência, abre um espaço que só aparece quando o habitual é desconstruído e o homem (*Dasein*) se descobre entregue à tarefa inexorável de ter-que-ser (p. 50).

Há, no entanto, pensamentos divergentes. Para Bezerra (2007), por exemplo, é possível uma articulação entre a ACP e Heidegger. Apresentando alguns conceitos utilizados por psicólogos que adotam o modelo fenomenológico-existencial, Bezerra (2007) destaca o conceito de *angústia* como possibilidade de revelação de um projeto existencial inserido em um contexto situacional, e não como um sintoma psicopatológico a ser extinto. Acredita a autora que

(...) na psicoterapia centrada na pessoa, a articulação entre as perspectivas rogeriana e heideggeriana aponta para a necessidade de se abrir espaço, na teoria e método da ACP, ao estranho, à falta, como condição de possibilidade da existência. Esta perspectiva des-centrada consiste em um olhar que vá além da pessoa-indivíduo (Bezerra, 2007, p. 115).

Resta indagar: será oportuno se pensar em diálogos entre a ACP e a filosofia heideggeriana que se tornem capazes de possibilitar a construção de algo novo, que se afine à Abordagem Centrada na Pessoa proposta por Rogers?

## Concluindo... se é que se pode concluir algo

Apesar da crítica ao trabalho de Rogers – talvez até um pouco imerecida, já que ele nunca se disse fenomenólogo – muito das contribuições da ACP fazem parte da prática clínica da psicoterapia humanista fenomenológica. A consideração positiva incondicional, por exemplo, quando compreendida como respeito ao outro, respeito à alteridade, à particularidade, permite reconhecê-la como a confirmação do outro como um outro que mantém um diálogo comigo. Tomando a mesma linha de pensamento, a relação empática deixa de ser criticada por seu romantismo, para ser valorizada como a inauguração de uma parceria da dupla cliente-terapeuta, pressupondo uma compreensão e aceitação efetiva do outro, enquanto diferente.

Muitos caminhos vêm sendo desvendados. Muitas trilhas ainda a serem abertas. Rogers vem sendo discutido, re-inventado, por muitos de seus seguidores que, ávidos por ampliar seus campos de compreensão, perscrutam diferentes possibilidades. Fica o desejo de conhecer novos horizontes investigados, sem preconceito, com a mente aberta para o novo e o diferente. Atentos, no entanto, para o cuidado de não nos perdermos numa construção na qual a tessitura se esgarce, se rompa, se parta em pedaços frankensteinianos, por total falta de coerência paradigmática e prática.

Rogers não se voltou a construir uma teoria fenomenológica. Tal movimento é mais uma característica contemporânea, feita por pesquisadores que têm se voltado a estudar filosofia fenomenológica. Assim, a busca por aproximar Rogers de Husserl, Heidegger e Merleau Ponty, por exemplo, é muito mais uma preocupação atual, do que a que foi assumida por Rogers.

Os destinos da Abordagem Centrada na Pessoa, como Terapia Humanista Existencial estão se deixando descobrir/construir. A obra de Rogers está viva e, como tal, em processo. Talvez nesta fase pós-rogeriana, tal como referendada por Segre (2002), se construa algo não novo que ganhe nomes e existência própria. Estaremos falando ainda da Abordagem Centrada na Pessoa?

## Referências

- Advíncula, I. (1991). Tendência atualizante e vontade de potência: um paralelo entre Rogers e Nietzsche. *Psicologia: Terapia e Pesquisa*, 7(2), 201-214.
- Amatuzzi, M. M. (1989). *O resgate da fala autêntica*. Campinas: Papirus.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia Fenomenológica: uma aproximação teórico-humanista. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 26(1), 93-100.
- Amatuzzi, M. M. (2010). *Anais do III Fórum Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa*. A redução fenomenológica praticada por Rogers: um caminho para a realidade do sujeito. p. 1-16. Disponível em [http://www.apacp.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Mauro\\_Amatuzzi\\_texto.pdf](http://www.apacp.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Mauro_Amatuzzi_texto.pdf)

- Barreto, C. L. B. (2006). *Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Barreto, C. L., & Morato, H. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. Em C. Barreto, H. Morato & A. Nunes (Orgs), *Fundamentos de psicologia – aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica Existencial – uma introdução* (pp. 41-51). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Belém, D. (2000). *Carl Rogers: do diagnóstico à Abordagem Centrada na Pessoa*. Recife: Edições Bagaço.
- Belém, D. (2004). *Abordagem centrada na pessoa: um olhar contemporâneo*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Bezerra, M. E. S. (2007). *Um Estudo crítico das psicoterapias fenomenológicas-existenciais: Terapia Centrada na Pessoa e Gestalt-Terapia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Boainain Jr., E. (1998). *Tornar-se Transpessoal – transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*. São Paulo: Summus.
- Boris, G. (1987). Uma reflexão acerca da consistência teórica das psicoterapias humanistas. *Revista de Psicologia* (Fortaleza), 5(1), 69-75.
- Bowen, M.C.V-B. (1987). Psicoterapia: O Processo, o Terapeuta, a Aprendizagem. Em C. Rogers, A. M. Santos & M. C. Bowen (1987), *Quando Fala o Coração – a essência da psicoterapia centrada na pessoa* (pp. 56-66). Porto alegre: Artes Médicas.
- Capra, F. (1983). *O Ponto da Mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Carrenho, E.; Tassinari, M. A., & Pinto, M. (2010). *Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa – dúvidas e perguntas mais frequentes*. São Paulo: Carrenho Editorial.
- Coelho Jr., N. (1995). *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Editora Escuta.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido – uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Cury, V. E. (1987). *Psicoterapia Centrada na Pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Dahlberg, G., Moss, P., & Pence, A. (2003). *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed.
- Dutra, E. (2008). Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais? *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 8(2), 221-234.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia – uma proposta fenomenológica-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.
- Fonseca, A. H. L. (1983). *Psicologia Humanista e Pedagogia do Oprimido: um diálogo possível?* Trabalho apresentado no I Encontro Latino da Abordagem Centrada na Pessoa, Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- Fonseca, A. H. L. (1998). *Trabalhando o Legado de Rogers – sobre os fundamentos fenomenológico-existenciais*. Maceió: Editora Bom Conselho Ltda.
- Fonseca, A. H. L. (2011). *Apontamentos para uma História da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial Organísmica – dita Humanista* (Manuscrito não publicado). Disponível em: <http://www.rogeriana.com/fonseca/apontam.htm>
- Frota, A. M. (1997). Da Fenomenologia Transcendental à Hermenêutica Ontológica: elementos para discussão. *Revista de Psicologia* (UFC), 15(1/2), 27-34.
- Frota, A. M. (2007). Diferentes Concepções da Infância e da Adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 7(1), 147-170.
- Goergen, P. (2005). *Ética e Educação – reflexões filosóficas e históricas*. São Paulo: Autores Associados.
- Heywood, C. (2004). *Uma História da Infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Holanda, A. F. (1998). *Diálogo e Psicoterapia. Correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos.
- Holanda, A. F. (2001). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. Em M. A. de T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs), *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega.
- Holanda, A. F. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 15(2), 87-92.
- Karwowski, S. L. (2005). *Gestalt-Terapia e Fenomenologia: considerações sobre o método fenomenológico em Gestalt-Terapia*. Campinas: Livro Pleno.
- Lessa, J. (2009). Os conceitos de pensamento e verdade em Martin Heidegger. *Anais do IX Congresso de Psicoterapia Existencial*, São Paulo. Disponível em [http://www.psicooexistencial.com.br/web/detalhes.asp?cod\\_menu=120&cod\\_tbl\\_texto=2022](http://www.psicooexistencial.com.br/web/detalhes.asp?cod_menu=120&cod_tbl_texto=2022)
- Lipovetsky, G. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. Rio de Janeiro: Barcarolla.
- Lyotard, J-F. (1989). *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Maslow, A. (2007). *El Hombre Autorrealizado – hacia una psicología del ser*. Barcelona: Editorial Kairós S.A.
- Messias, J., & Cury, V. (2006). Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experienciación. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 19(3), 355-361.
- Moreira, V. (1990). *Para Além da Pessoa: uma revisão crítica da psicoterapia de Carl Rogers*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty – a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2009a). *Clínica humanista-fenomenológica – estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2009b). A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa são enfoques fenomenológicos? *Revista da Abordagem Gestáltica*. 15(1), 3-12.
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 537-544.
- Rogers, C. R. (1961). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1976). *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1983). *Um Jeito de Ser*. São Paulo: EPU.
- Rogers, C. R. (1987). Abordagem Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa. Em C. Rogers, A. M. Santos, & M. C. Bowen (1987), *Quando Fala o Coração – a essência da psicoterapia centrada na pessoa* (pp. 67-85). Porto alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C. R. & Kinget, M. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado e la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Skinner, B. F. (1985). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

---

**Ana Maria Monte Coelho Frota** - Graduada em Psicologia, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço Institucional: Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias (Departamento de Economia Doméstica) - Campus do Pici, s/n, CEP 60455-760 (Fortaleza/CE). *E-mail*: anafrota@ufc.br

---

Recebido em 12.02.2012  
Primeira Decisão Editorial em 03.07.2012  
Segunda Decisão Editorial em 11.09.2012  
Aceito em 30.11.12